

# NO AR, A TELEVISÃO BRASILEIRA

Por Raquel Almada

Do 'televizinho' ao 3D, sexagenária continua ativa

No dia 18 de setembro de 1950, o Brasil pôde conhecer um novo meio de comunicação: a televisão. Era a inovação chegando aos lares brasileiros, mesmo que inicialmente, em poucas residências, na sua maioria da elite.

O idealizador desse projeto foi Assis Chateaubriand, um dos nomes mais importantes na história do jornalismo. Foi na extinta TV Tupi-Difusora, no Canal 3, que neste dia, na cidade de São Paulo a televisão foi ao ar.

Os testes para a inauguração oficial começaram em fevereiro de 1949, às escondidas, pois Chatô – como era conhecido Assis Chateaubriand – queria ser o precursor no Brasil dessa máquina com sons e imagens, que o país do Tio Sam já experimentava desde 1939. Era o auge do rádio, o veículo de comunicação mais popular e abrangente do país.

Com as famosas radionovelas e noticiários bem elaborados, o rádio era o detentor da atenção de grande parte das famílias brasileiras. Mas era necessário algo mais, para que a elite ficasse plenamente satisfeita. Foi então que Chatô iniciou sua corrida pela televisão, que estava dando certo em países como a Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos.

Chamado pelos *Diários Associados* – conglomerado de jornais e revistas do grupo de Chateaubriand – de 'cinema a domicílio', a programação inicial nada tinha a ver com exibição de filmes. Teve influência direta do rádio, com o mesmo formato de programação. Inclusive aproveitando técnicos e artistas, como Hebe Camargo, Walter Foster, Vida Alves, entre outros.

Importados dos EUA, foram necessários cerca de trinta toneladas de equipamentos para montar a primeira emissora da América do Sul, a TV Tupi, ou PRF-3 TV, como era conhecida. Apesar de toda essa parafernália, os primeiros anos da televisão brasileira foram marcados por inúmeras dificuldades, dentre elas, falta de recurso financeiro e muita improvisação para os programas e novelas da época, realizados ao vivo.

Difícil de acreditar que a primeira transmissão da TV em nosso país foi ao ar para apenas 200 aparelhos espalhados em pontos estratégicos da cidade de São Paulo, como bares e lojas, além do saguão do *Diários Associados*.

Por causa da burocracia existente para importar os televisores, não seria possível que eles chegassem na data pré determinada. Então, Chatô usou de sua influência para antecipar a chegada. Assim, no dia combinado, os aparelhos já estavam nos lugares mais conhecidos da cidade de São Paulo.

Um ano mais tarde, mais de sete mil televisores estavam instalados em lares paulistanos e



Divulgação PRÓ-TV

Telespectadores esperam a TV entrar no ar



Divulgação PRÓ-TV

Família reunida em frente à TV, na década de 50

cariocas. A primeira marca a ser produzida em nosso país foi a *Invictus*. Mas ainda era um artigo de luxo, adquirido principalmente pela elite, porém cobiçado por muitos.

O preço do televisor chegava a três vezes mais que o preço cobrado pela vitrola mais completa do momento, o equivalente a cerca de nove mil cruzeiros (em 1951). Nunca se visitou tanto um vizinho como nessa época, pois, o felizado – ou azarado – que conseguia adquirir um televisor, tinha que dividi-lo com a vizinhança toda, surgindo assim, o tão famoso 'televizinho'.

O tempo passou e a TV continua até os dias de hoje como primeira no ranking de entretenimento. Deixando de estar limitada somente à elite, tornou-se um 'veículo de massa' a partir do momento em que foi incorporada pelas classes mais populares.

Em 1990, surgiu a TV por assinatura e a cabo, aumentando o leque de opções para os telespectadores, de maneira a perpetuar a televisão como principal meio de comunicação e globalização.

Em função do processo de massificação que a TV sofreu ao longo de sua existência, o resultado foi um *boom* de aparelhos nas casas dos cidadãos brasileiros. Em 2001, eram 60.500.000 espalhados em todo o país, de acordo com uma estimativa projetada da Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletrônicos (ABINEE).

Um pouco mais tarde, em 2 de dezembro de 2007, o Brasil pôde experimentar o que há de melhor em termos de qualidade de imagem e som, a TV Digital. Atualmente, vivemos na era 3D, ainda em fase de teste, mas que também não demorará muito para estar ao alcance de todos.

Ante esse quadro, é possível uma reflexão sobre a Internet, que, assim como todas as novi-

dades tecnológicas, começou timidamente na casa de alguns membros da elite e está se difundindo dia a dia.

Conforme mostra pesquisa do *IBOPE Nielsen Online*, até julho deste ano, 48.703 cidadãos brasileiros tinham acesso à Internet no local de trabalho e residência, sendo 39.258 usuários ativos, ou seja, que acessam com frequência a Internet. Se ela se tornará tão popular quanto à televisão, quem viver, verá.

Falar em televisão sem citar a telenovela, fica sem dúvida, incompleto, pois ela é uma das principais atrações até os dias de hoje. A primeira telenovela foi exibida em 1951, com o título *Sua Vida me Pertence*, escrita e dirigida por Walter Foster.

No elenco, nomes conhecidos como Lima Duarte, Dionísio Azevedo e Vida Alves. Apesar de ter sido curta e exibida apenas duas vezes por semana, deixou sua marca. A intenção de Foster era inovar, e realmente o fez, protagonizando o primeiro beijo da televisão brasileira. Foi um 'selinho' dado na atriz Vida Alves, mas que para a época foi uma quebra de paradigmas.

Em entrevista para o **Contraponto**, a atriz Vida Alves, 82 anos, fala um pouco sobre o rumo que a televisão tomou em seus 60 anos de existência e sua carreira desde antes da extinta TV Tupi.

Vida fundou em 1995, a Pró-TV, uma fundação sem fins lucrativos, que se propõe a preservar a memória da televisão. A associação fica em sua residência, no bairro do Sumaré, onde também está instalado o Museu da TV, com um vasto acervo, merecendo destaque para a primeira câmera da TV brasileira, a TK-30 da RCA e o primeiro televisor portátil do Brasil.



**VIDA ALVES  
NO MUSEU DA TV**

**C**ontraponto – Para a senhora, o que é a TV em seus 60 anos de existência? Em que ela evoluiu e declinou?

**Vida Alves** - A televisão é o principal veículo para o povo brasileiro. Eu me incluo entre esse povo, é claro. Porque a televisão noticia, educa, ou deveria educar. A televisão entretém e faz companhia. Claro que no meu caso, eu sou talvez mais exigente do que os demais, porque eu trabalhei em televisão muitos anos. E ainda estou ligada através da Pró-TV. Então às vezes eu acho que ela declinou no sentido da evolução cultural. Há muitos canais, então pode ser que se distribua essa parte cultural. Nós, os pioneiros, nos preocupávamos com isso, e talvez por sermos mais humildes, talvez, não sei a expressão exata, buscávamos grandes autores, grandes assuntos, ousávamos muito mais. Hoje, a comercialização se tornou muito grande, eu acho que em todos os ramos da atividade humana. Os produtos ficaram mais descartáveis também para todos os setores e a televisão também faz produtos mais descartáveis no meu entender.

**CP** – A senhora disse que a qualidade da programação hoje em dia caiu bastante.

**VA** – Caiu.

**CP** – Em sua opinião, qual foi o impacto da televisão na sociedade?

**VA** – A televisão é a história do ovo e da galinha, quem nasceu antes e o quê que depende do quê. O ovo da galinha e a galinha do ovo. A TV para a sociedade é a sociedade para a TV, o que a sociedade procura retratar. Mesmo as novelas, elas trazem sempre as coisas que acontecem. Às vezes de uma forma muito caricatural, às vezes não. Por exemplo, me lembro quando houve novela que falou de motoboy, como figura central de uma novela, para mexer com esse mundo dos motoboys que estava começando. A televisão em si focou esse assunto. Só para citar um, mas podemos ver tantos. Além de ela ditar a moda. A moda sai lá, sai cá, ou vice-versa. Tudo que acontece na televisão aconteceu antes ou acontecerá depois na sociedade. É uma coisa muito interligada. E isso para o Brasil é bom. Democratizou bastante, é um produto democrático. Agora, é claro que acho que a média foi baixando, de acordo com o número de televisores estarem atingindo camadas mais simples da população.

**CP** – A senhora, como pioneira da televisão acha que desde o início ela era caracterizada como um fenômeno para a massa?

**VA** – No começo não, porque haviam poucos telespectadores. Começou a haver o 'televizinho', ou seja, uma família numa rua comprava e todos os vizinhos iam assistir alguma coisa. E aos poucos as pessoas foram comprando e hoje praticamente até as pessoas mais pobres preferem ter um televisor a ter uma geladeira. Às vezes ficam sem a geladeira, mas não ficam sem a televisão.



Raquel Almada

**CP** – Como era fazer televisão logo no início se sua carreira? Era uma profissão discriminada?

**VA** – Dizem que sim. Todos dizem, muitos dizem. Mas não percebi isso, levei sempre minha televisão muito a sério. Fui ousada no sentido de ter dado o primeiro beijo, mas era casada e construí uma casa onde você está, que agora é o Museu da Televisão. Bem próxima ao meu trabalho, porque eu fiquei a maior parte da minha carreira na TV Tupi, que é aqui mesmo neste bairro, na Sumaré. E qualquer horário de café dava para eu vir até aqui, eu tinha carro, demorava um minuto para chegar, outro para voltar. E ficava 10, 15, 20 minutos em casa. Conseguia ficar mais vezes em casa, mais vezes possível e com isso eu me afastei um pouco de crítica talvez, pela minha atitude.

**CP** – O primeiro beijo aconteceu em 1951 na novela *Sua Vida me Pertence*. Qual foi a intenção de Walter Foster, inovar?

**VA** – Inovar. Porque na verdade não existia novela por falta de espaço. Nosso estúdio era pequeno em relação aos de hoje. Tanto que em algumas faculdades, eu não conheço a faculdade FAAP de Comunicação, mas conheço várias outras com estúdios enormes. Nós tínhamos um estúdio A, que devia ter 12 ou 15 metros por 15, só isso. O tamanho de um estúdio de faculdade hoje. E ali fazíamos um grande teatro semanal, que então se armava todo um cenário para se desmanchar no dia seguinte. E novela como é continuada, não tinha espaço. Então o Walter Foster começou a fazer a novela bi-semanal, mas ele queria alguma coisa que chamasse, porque a televisão investia muito mais nos grandes teatros, em assuntos sérios, em livros, filmes muito importantes, adaptados. E a novela começou já com historinha brasileira: chefe de escritório que tinha uma noiva, mas gostava da secretária. Eu era a secretária e acabei ganhando o beijo. Isto marcou, então ele estava certo. Mas para conseguir isso, ele teve que pedir

para a direção geral, porque todos se espantaram. E também a minha família, mais especialmente meu marido eu tive que pedir, que conversar. Porque era uma coisa que nunca tinha acontecido. Eu quebrei um paradigma.

**CP** – Qual foi a repercussão do beijo dentro do meio artístico? E para o público em geral?

**VA** – Para o público em geral, nós temos que lembrar que naquele tempo ainda havia poucos aparelhos para assistir a televisão. Bem poucos e mais na classe privilegiada. Porque o Chateaubriand comprou alguns, distribuiu e depois os ricos que viajavam para o exterior começaram a trazer. Embora só houvesse televisão nos Estados Unidos, mais tarde neste continente, México e Cuba. E na Europa, me parece que neste ano, só ainda em Londres, na Inglaterra, ou seja, França e Itália foram sempre depois. Então aparelhos de televisão foram aparecendo. Mas neste começo, quando houve o beijo, que existissem mil, dois mil aparelhos, não mais. O jornal colocou, mas não colocou assim 'berrantemente', não colocou com extravagância, procurou ocultar um pouco, então não foi tão comentado, quanto é até hoje, 59 anos depois.

**CP** – A senhora começou a carreira fazendo radionovela. Como foi passar da radionovela para a telenovela?

**VA** – Bem complicado porque na televisão tínhamos que decorar tudo, mesmo porque todos os programas por 12 ou 13 anos seguidos eram feitos ao vivo. Então tínhamos que pegar um *script*, anotar as nossas falas, ensaiar e depois decorar. Não tinha isto de decorei um pouquinho, está mais o menos, não. Tinha que decorar. Porque não havia nem ponto, havia algum auxílio de um diretor de estúdio que ficava perto de você, abaixado atrás da câmera, ou abaixado mesmo, para te mostrar o *script* ou para te falar a fala. Mas não havia aquele ponto que o teatro tinha. O teatro daquela época



ca tinha na frente um alçapãozinho onde ficava uma pessoa com o *script* e ia seguindo. Isso no teatro, teatro. E no teleteatro ficava alguém dentro do estúdio para acompanhar. Mas, nós ficávamos à mercê da nossa memória. Ou seja, então tínhamos que saber bem.

**CP** – Em sua opinião a TV e o rádio ainda hoje exercem a mesma influência no público?

**VA** – Isso varia. Sobee, desce, oscila. Mas exerce influência grande. O rádio quando veio a televisão pensou que ia morrer, não morreu. Passou mais para jornalismo e esporte. E um pouco para música. Principalmente as FMs foram abertas com o intuito principalmente musical. Não deixou de haver o rádio. Não deixou de haver radialistas e programas importantes e pessoas que se adaptam ao rádio mais do que à televisão. Porque o rádio vai com o doente no hospital, vai com o doente que está na enfermaria, um radinho ele pode levar sempre. Vai com a dona de casa na hora que ela está cozinhando e ela não pode ficar vendo televisão. Então na verdade o rádio ganhou sempre o seu lugar. Atualmente a televisão tem a concorrência na Internet. Os jovens preferem a Internet, mas as mães dos jovens ainda preferem as novelas. Então estamos dividindo e há a necessidade de uma adaptação, mas essa adaptação, no meu entender, vai acontecer.

**CP** – De onde surgiu a idéia da criação da Pró TV e do Museu da TV?

**VA** – Acho que eu senti saudade. Porque eu saí da televisão voluntariamente e um pouco prematuramente. Aconteceu que a televisão em São Paulo sofreu vários reveses. Incêndios em algumas emissoras. Falência em duas emissoras, *Excelsior* primeiro, depois *Tupi*. Enfim, a televisão praticamente bandeou-se toda para o Rio de Janeiro. Eu estava com os filhos ainda bem jovens, já mocinhos, mas bem jovens e meu marido daí a pouco já faleceu também. E eu achei que não me agradava ir viajar todos os dias e deixá-los. Não sei se foi só isso ou esse desgaste da televisão paulista, eu saí. E ao sair, eu montei outras coisas, dei aulas em um curso de comunicação do cotidiano ou em público. Dependia do aluno, do treinando. E com isso eu viajei por muitos lugares, pelo Brasil inteiro e todos os seus estados, junto com a minha filha Thaís Alves. Ela prossegue com esse trabalho, com modificações, e eu acabei deixando por causa da Associação. Mas este tempo todo me fez aos poucos sentindo saudade da turma da televisão. E eu acabei chamando. Eu tenho embaixo você viu um salão grande que eu construí. Eu já tinha na minha casa, aqui é minha casa, mas ele era menor. Eu ampliei, tirei uma piscina que tinha lá, um lugar de exercícios, uma sauna, tirei, e fiz tudo um salão. E deste salão eu reuni antigos colegas e a ideia pegou fogo. Demorei um pouco para registrar porque ainda estava preocupada em como realizar. Era um sonho meu, mas era grande demais para uma pessoa sozinha, então passei. Mas em 1995 registramos a Associação dos Pioneiros, que mudou de nome, mas permanece seguindo o estatuto que também sofreu algumas modificações, mas existe. É uma associação sem fins lucrativos. É uma ONG que agora passou a ser OSCIP, porque temos direito de trabalhar também com entidades públicas, com prefeituras, secretarias, governo. E também agora estamos registrados como Museu. Então estamos crescendo um pouco devagar porque permanece o acervo aqui na minha casa e de forma precária. Porque por maior que seja a casa, e a casa é grande em comparação com outras residências, mas é pequena pra um Museu. Então estamos agora

neste ano de 2010 imaginando que vamos alçar mais um voo.

**CP** – Quais as dificuldades que a senhora encontrou?

**VA** – A dificuldade é sempre a mesma. A minha e a de todos é de dinheiro. Porque juntar, juntamos, poderemos continuar juntando. Às vezes até não queremos acervos porque não sabemos onde colocá-los. Há aparelhos grandes, como este, como aquele. Há televisores antigos, a primeira câmera. Há coisas que são imprescindíveis em um acervo e há outras que são mais prescindíveis, então a gente em um certo momento pára um pouco. Tenho a impressão de que isto vai ser resolvido este ano.

**CP** – Como Vida Alves se sente perpetuando a história da televisão brasileira através do Museu?

**VA** – Sinto uma importância que na verdade não é só minha. Este mês ganhei vários troféus. Ganhei o troféu que demos a todos os outros como pioneira assinado pelo governador de São Paulo, Alberto Goldman e pelo secretário de Cultura Andrea Matarazzo. E ganhei uma salva de prata muito linda que está ali na frente do município de São Paulo para a Pró-TV. Ou seja, são regalos, presentes que estão comigo, mas não são só meus. São de uma equipe, eu tenho funcionários muito bons, muito caprichosos e jovens. E tenho alguns colaboradores mais maduros.



Divulgação PRÓ-TV

**Vida Alves e Walter Foster em cena de Sua Vida me Pertence**



Divulgação PRÓ-TV



Divulgação PRÓ-TV

**Um dos primeiros televisores brasileiros (Erga-1954)**

**Bastidores do dia da inauguração da TV Tupi**